

APRESENTAÇÃO

SIR ARTHUR CONAN DOYLE (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todos os idiomas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

Os sete contos que compõem *O último adeus de Sherlock Holmes* foram publicados entre setembro de 1908 e setembro de 1917 pela *Strand Magazine*, periódico britânico que levou os casos e a figura de Holmes ao conhecimento do grande público. A primeira edição inglesa em livro, de 10.684 exemplares, foi lançada em 22 de outubro de 1917, por John Murray. Já a primeira edição americana foi publicada no mesmo mês por George H. Doran Company.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em colocar o leitor entre seus dois grandes protagonistas, “a meio caminho”, como diz John le Carré: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto integral e trinta ilustrações, feitas por diversos ilustradores das histórias do grande detetive de Baker Street.

PREFÁCIO

OS AMIGOS DE MR. SHERLOCK HOLMES gostarão de saber que ele continua vivo e bem, embora um pouco prejudicado por ataques ocasionais de reumatismo. Ele vive há muitos anos numa fazendola nos Downs, a oito quilômetros de Eastbourne, onde divide seu tempo entre a filosofia e a agricultura. Durante esse período de repouso, recusou as mais principescas ofertas para assumir vários casos, tendo decidido que sua aposentadoria tinha caráter permanente. A aproximação da guerra alemã levou-o, contudo, a pôr sua notável combinação de atividade intelectual e prática à disposição do governo, com resultados históricos que são narrados em “Seu último adeus”. Várias experiências anteriores, que haviam permanecido muito tempo em meu portfólio, foram acrescentadas a *O último adeus de Sherlock Holmes* de modo a completar o volume.

DR. JOHN H. WATSON

VILA GLICÍNIA

I · A singular experiência de Mr. Scott Eccles

ENCONTRO REGISTRADO em minha agenda que era um dia triste e ventoso perto do fim de março do ano de 1892. Holmes havia recebido um telegrama quando almoçávamos e escrevera uma resposta às pressas. Não fez nenhum comentário, mas o assunto continuou em sua mente, porque depois ficou diante da lareira com um semblante pensativo, fumando seu cachimbo e dando olhadelas ocasionais à mensagem. De repente, virou-se para mim com um lampejo malicioso nos olhos.

“Suponho, Watson, que devemos encará-lo como um homem de letras”, disse. “Como define a palavra ‘grotesco’?”

“Estranho... extraordinário”, sugeri.

Ele sacudiu a cabeça.

“Certamente há alguma coisa além disso”, contestou; “uma sugestão subjacente do trágico e do terrível. Se você rememorar algumas daquelas narrativas com que afligiu um público paciente, reconhecerá com que frequência o grotesco redundou no criminoso. Pense naquela pequena aventura dos homens de cabeça vermelha. De início foi bastante grotesca, no entanto terminou numa desesperada tentativa de roubo. Houve ainda aquele caso extremamente grotesco das cinco sementes de laranja, que conduziu diretamente a uma conspiração homicida. Essa palavra me põe de prontidão.”

“Ela aparece aí?” perguntei.
Ele leu o telegrama em voz alta.

Acabo de ter a mais incrível e grotesca experiência. Posso consultá-lo?

SCOTT ECCLES

Agência dos Correios, Charing Cross

“Homem ou mulher?” perguntei.

“Oh, homem, é claro. Uma mulher jamais enviaria um telegrama com resposta paga. Teria vindo.”

“Você o receberá?”

“Meu caro Watson, sabe como ando entediado desde que trancafiámos o coronel Carruthers. Minha mente é como um motor acelerado, que se desintegra quando não está conectado com o trabalho para o qual foi construído. A vida está banal, os jornais estão estéreis; a audácia e a aventura parecem ter desaparecido para sempre do mundo criminal. E você ainda me pergunta se estou disposto a examinar qualquer novo problema, por mais trivial que se mostre? Mas, a menos que eu me engane, cá está nosso cliente.”

Ouvimos um passo cadenciado na escada e um momento depois um homem corpulento, alto, de costeletas grisalhas e solenemente respeitável foi introduzido na sala. A história de sua vida estava escrita em seus traços carregados e maneiras pomposas. Das polainas aos óculos com aros de ouro, era um conservador, um homem religioso, um bom cidadão, ortodoxo e convencional até o último grau. Mas alguma experiência

assombrosa havia perturbado sua serenidade inata e deixado sinais em seu cabelo eriçado, suas faces coradas e suas maneiras agitadas, nervosas. Mergulhou instantaneamente em seu assunto.

“Tive uma experiência singularíssima e desagradável, Mr. Holmes”, disse. “Nunca em minha vida eu me vira em semelhante situação. Foi extremamente inconveniente – extremamente ultrajante. Devo insistir em alguma explicação.” Enfunava-se e bufava em sua raiva.

“Por favor, sente-se, Mr. Scott Eccles”, disse Holmes numa voz apaziguadora. “Posso perguntar, em primeiro lugar, por que veio a mim?”

“Bem, senhor, não parecia ser um assunto da competência da polícia; no entanto, quando tiver escutado os fatos terá de admitir que eu não teria podido deixá-lo como estava. Detetives privados são uma classe pela qual não tenho absolutamente nenhuma simpatia, mas apesar disso, tendo ouvido o seu nome...”

“Naturalmente. Mas, em segundo lugar, por que não veio imediatamente?”

“Que quer dizer?”

Holmes deu uma olhada no relógio.

“São duas e quinze”, disse. “Seu telegrama foi enviado por volta da uma. Mas ninguém pode passar os olhos por sua toalete e vestimenta sem ver que está perturbado desde o instante em que despertou.”

Nosso cliente alisou o cabelo despenteado e passou a mão no queixo não barbeado.

“Tem razão, Mr. Holmes. Nem pensei na minha toalete. Tudo que queria era me ver longe daquela casa. Mas andei por aí fazendo indagações antes de vir procurá-lo. Fui à agência imobiliária e disseram-me que o aluguel de Mr. Garcia foi devidamente pago e que tudo estava em ordem em Vila Glicínia.”

“Vamos, vamos, senhor”, disse Holmes, rindo. “Parece o meu amigo dr. Watson, que tem o mau hábito de contar suas histórias de trás para a frente. Por favor, organize seus pensamentos e conte-me, na devida seqüência, exatamente que acontecimentos o fizeram sair despenteado, com botas e colete mal-abotoados, em busca de conselho e auxílio.”

Nosso cliente olhou com uma expressão pesarosa para sua estranha aparência.

“Estou certo de que devo estar muito desarrumado, Mr. Holmes, e não me lembro de que semelhante coisa me tenha acontecido antes em toda a minha vida. Mas vou lhe contar todo o esquisito negócio, e quando tiver acabado o senhor admitirá, tenho certeza, que aconteceu o bastante para me desculpar.”

Mas a narrativa do homem foi cortada pela raiz. Houve um alvoroço lá fora, e Mrs. Hudson abriu a porta para introduzir dois sujeitos robustos, com aparência de autoridades, um dos quais nos era muito conhecido como o inspetor Gregson da Scotland Yard, um policial enérgico, audaz e, dentro de suas limitações, competente. Após apertar a mão de Holmes, ele nos apresentou o colega como o inspetor Baynes da delegacia de Surrey.

“Estamos caçando juntos, Mr. Holmes, e nosso rastro veio nesta direção”, voltou seus olhos de buldogue para nosso visitante. “É Mr. John Scott Eccles, de Popham House, em Lee?”



“Andei por aí fazendo indagações antes de vir procurá-lo.” [Arthur Twidle, *Strand Magazine*, 1908]

“Sou eu.”

“Estivemos seguindo o senhor esta manhã toda.”

“Descobriram-no por meio do telegrama, sem dúvida”, disse Holmes.

“Exatamente, Mr. Holmes. Detectamos a pista na Agência dos Correios de Charing Cross e viemos para cá.”

“Mas por que me seguem? Que querem?”

“Queremos uma declaração, Mr. Scott Eccles, relativa aos acontecimentos que levaram à morte, ontem à noite, de Mr. Aloysius Garcia, de Vila Glicínia, perto de Esher.”

Nosso cliente ficou subitamente alerta, de olhos arregalados, e toda a cor fugiu de seu rosto perplexo.

“Morto? Disse que ele está morto?”

“Sim, senhor, está morto.”

“Mas como? Um acidente?”

“Assassinato, se algum dia houve um na face da terra.”

“Meu Deus! Isso é horrível! Está querendo dizer... está querendo dizer que eu sou suspeito?”

“Uma carta sua foi encontrada no bolso do morto e sabemos que tinha planejado passar a última noite na casa dele.”

“De fato.”

“Ah, o senhor confirma?”

A caderneta oficial foi puxada.

“Um instante, Gregson”, disse Sherlock Holmes. “Você deseja apenas uma declaração simples, não é?”

“E é meu dever advertir Mr. Scott Eccles de que ela poderá ser usada contra ele.”

“Mr. Eccles estava prestes a nos contar sobre isso quando você entrou na sala. Creio, Watson, que um conhaque com água não fará mal nenhum a ele. Agora, senhor, sugiro que não dê atenção a esse acréscimo em sua audiência e continue com sua narrativa exatamente como se não tivesse sofrido nenhuma interrupção.”

Nosso visitante tomara um trago de conhaque e a cor retornara a seu rosto. Com um olhar desconfiado para a caderneta do inspetor, mergulhou de imediato em seu extraordinário relato.

“Sou solteiro”, disse, “e, sendo de temperamento sociável, cultivo grande número de amigos. Entre eles está a família

de um cervejeiro aposentado chamado Melville, que mora em Albemarle Mansion, em Kensington. Foi à mesa dele que conheci algumas semanas atrás um jovem chamado Garcia. Ele era, pelo que entendi, de ascendência espanhola e ligado de algum modo à embaixada. Falava um inglês perfeito, tinha maneiras agradáveis e era um dos homens mais bem-apegoados que já vi em minha vida.

“De alguma maneira estabelecemos uma boa amizade, esse rapaz e eu. Ele pareceu gostar de mim de imediato e dois dias depois que nos conhecêramos foi me visitar em Lee. Uma coisa leva a outra, e ele acabou me convidando para passar alguns dias em sua casa, Vila Glicínia, entre Esher e Oxshott. Ontem de tardinha fui a Esher atender a esse convite.

“Ele me descrevera sua criadagem antes. Morava com um criado fiel, seu compatriota, que cuidava de todas as suas necessidades. Esse sujeito sabia falar inglês e dirigia a casa para ele. Havia também um maravilhoso cozinheiro, ele contou, um mestiço que encontrara em suas viagens, capaz de servir um excelente jantar. Lembro-me de que ele comentou que essa era uma criadagem esquisita para se encontrar em pleno Surrey, no que concordei com ele, embora ela tenha se provado muito mais esquisita do que eu pensava.

“Fui de carro até o lugar – pouco mais de três quilômetros ao sul de Esher. A casa era de bom tamanho, recuada em relação à estrada, com um caminho curvo margeado por altos arbustos de sempre-vivas. Era uma velha construção, caindo aos pedaços, num absurdo estado de abandono. Quando o coche parou no caminho coberto de capim alto em frente à porta

estufada e manchada pelo tempo, duvidei de minha sensatez ao visitar um homem que conhecia tão ligeiramente. Ele mesmo abriu a porta, contudo, e saudou-me com efusiva cordialidade. Fui entregue ao criado, um sujeito moreno, melancólico, que me conduziu, minha mala na mão, ao meu quarto. O lugar todo era deprimente. Nosso jantar foi *tête-à-tête* e, embora meu anfitrião tenha feito o que podia para se mostrar divertido, seus pensamentos pareciam divagar a todo momento e ele falava de maneira tão vaga e errática que eu mal conseguia compreendê-lo. Volta e meia tamborilava sobre a mesa, roía as unhas e dava outros sinais de impaciência nervosa. O jantar em si mesmo não foi bem-servido nem bem-preparado, e a presença sombria do criado taciturno não contribuiu para nos animar. Posso lhes assegurar que muitas vezes, aquela noite, desejei poder inventar alguma desculpa que me levasse de volta a Lee.

“Volta-me à memória algo que talvez tenha relação com o caso que os senhores estão investigando, cavalheiros. Na hora, não me causou impressão. Perto do fim do jantar o criado trouxe um bilhete. Percebi que, depois de lê-lo, meu anfitrião pareceu ainda mais distraído e estranho que antes. Abandonou qualquer simulacro de conversa e pôs-se a fumar intermináveis cigarros, perdido em pensamentos, mas não fez nenhuma observação quanto ao conteúdo da mensagem. Por volta das onze horas fiquei feliz em ir para a cama. Pouco tempo depois Garcia abriu minha porta – o quarto estava escuro nesse momento – e perguntou se eu havia tocado a campainha. Disse que não. Ele se desculpou por ter me per-

turbado tão tarde, dizendo que era quase uma hora. Depois disso peguei no sono e dormi profundamente a noite toda.

“Agora chego à parte assombrosa de minha história. Quando acordei era pleno dia. Dei uma olhada no relógio, e eram quase nove horas. Como eu pedira particularmente para ser acordado às oito, fiquei muito espantado com essa negligência. Levantei-me imediatamente e toquei para chamar o criado. Não houve resposta. Cheguei então à conclusão de que a campainha não funcionava. Enfiei minhas roupas e, de muito mau humor, corri ao térreo para pedir um pouco de água quente. Podem imaginar minha surpresa quando descobri que não havia ninguém lá. Gritei no vestíbulo. Não houve resposta. Depois corri de cômodo em cômodo. Todos desertos. Como ontem à noite meu anfitrião havia me mostrado qual era o seu quarto, bati à porta. Nenhuma resposta. Girei a maçaneta e entrei. O quarto estava vazio e a cama, intacta. Ele partira com os outros. O anfitrião estrangeiro, o lacaio estrangeiro, o cozinheiro estrangeiro, todos tinham desaparecido na noite! Esse foi o fim de minha visita a Vila Glicínia.”

Sherlock Holmes esfregava as mãos e dava risadinhas ao acrescentar esse esquisito incidente à sua coleção de episódios insólitos.

“Sua experiência, até onde sei, é perfeitamente singular”, disse. “Posso perguntar, senhor, que fez depois?”

“Fiquei furioso. Minha primeira ideia foi que eu havia sido vítima de alguma brincadeira absurda. Arrumei minhas coisas, bati a porta atrás de mim e parti para Esher, minha mala na mão. Estive na Allan Brothers, a principal agência imobiliária

da aldeia, e verifiquei que fora dessa firma que a casa havia sido alugada. Ocorreu-me que dificilmente tudo aquilo poderia ter sido feito no intuito de me fazer de bobo, e que o principal objetivo devia ser escapar do aluguel. Como estamos quase no fim de março, o dia do pagamento trimestral está próximo. Mas essa teoria não funcionou. O agente ficou agradecido por minha informação, mas me disse que o aluguel fora pago de antemão. Em seguida vim para Londres e dirigi-me à Embaixada da Espanha. O homem era desconhecido ali. Fui então ver Melville, em cuja casa havia conhecido Garcia, mas descobri que ele sabia bem menos sobre o homem que eu. Finalmente, ao receber sua resposta para o meu telegrama, vim para cá, pois pelo que sei o senhor é uma pessoa que aconselha em casos difíceis. Mas agora, senhor inspetor, percebo, pelo que disse ao entrar nesta sala, que está investigando a história e que ocorreu uma tragédia. Posso lhe assegurar que cada palavra que disse é a verdade, e que, fora o que lhe contei, não sei absolutamente nada sobre o que aconteceu com esse homem. Meu único desejo é ajudar a Justiça de todas as maneiras possíveis.”

“Tenho certeza disso, Mr. Scott Eccles – tenho certeza disso”, respondeu o inspetor Gregson num tom muito amável. “Devo lhe dizer que tudo que disse concorda de maneira muito precisa com os fatos que pudemos averiguar. Por exemplo, esse bilhete que chegou durante o jantar. Observou por acaso o que foi feito dele?”

“Sim, observei. Garcia o amassou e jogou na lareira.”

“Que diz disso, Mr. Baynes?”

O detetive rural era um homem forte, gorducho e vermelho, cujo rosto só era redimido da vulgaridade por dois olhos extraordinariamente brilhantes, quase escondidos atrás das dobras fundas das bochechas e da testa. Com um leve sorriso, ele tirou do bolso um pedaço de papel dobrado e descolorido.

“Era um braseiro, Mr. Holmes, e ele o arremessou longe demais. Peguei isto intacto na parte de trás dele.”

Holmes deu um sorriso de aprovação.

“Deve ter examinado a casa com muito cuidado, para encontrar uma única bolinha de papel.”

“Examinei sim, Mr. Holmes. É meu sistema. Devo lê-lo, Mr. Gregson?”



“Era um braseiro, Mr. Holmes, e ele o arremessou longe demais. Peguei isto intacto na parte de trás dele.”

[Arthur Twidle, *Strand Magazine*, 1908]

O policial londrino fez um aceno.

“O bilhete está escrito num papel creme comum, sem filigrana. É um quarto de folha. O papel foi cortado com duas tesouradas de uma tesoura pequena. Foi dobrado três vezes e lacrado com cera roxa, aplicada às pressas e prensada com um objeto chato e oval. Está endereçado a Mr. Garcia, Vila Glicínia. Diz:

Nossas próprias cores, verde e branco. Verde aberto, branco fechado. Escada principal, primeiro corredor, sétima à direita, baeta verde. Deus o proteja.

D.

“É letra de mulher, usando uma pena de ponta afiada, mas o endereço foi escrito ou com outra pena, ou por outra pessoa. A letra é mais grossa e mais nítida, como vê.”

“Um bilhete muito digno de nota”, disse Holmes, dando-lhe uma olhadela. “Devo cumprimentá-lo, Mr. Baynes, por sua atenção ao detalhe no exame que fez dele. Alguns pontos insignificantes poderiam talvez ser acrescentados. O selo oval foi premido sem dúvida com uma abotoadura comum – que mais tem essa forma? A tesoura era uma tesoura curva de unhas. Por curtas que sejam as tesouradas, pode-se ver distintamente a mesma curva ligeira em cada uma.”

O detetive rural deu uma risadinha.

“Pensei que tinha espremido todo o suco dele, mas vejo que sobrava um pouco”, disse. “Sou obrigado a dizer que este bilhete não me diz nada, a não ser que havia alguma coisa à

disposição, e que uma mulher, como de costume, estava por trás de tudo.”

Mr. Scott Eccles estivera irrequieto em seu assento durante a conversa.

“Fico satisfeito por ter encontrado o bilhete, pois ele corrobora minha história”, disse. “Mas permitam-me observar que ainda não sei o que aconteceu com Mr. Garcia, nem o que foi feito de seus criados.”

“Quanto a Garcia”, disse Gregson, “é fácil responder. Ele foi encontrado morto esta manhã em Oxshott Common, a mais de um quilômetro e meio de casa. Sua cabeça foi esmigalhada por fortes golpes de um saco de areia ou algum instrumento parecido, que esmagou mais que feriu. É um lugar ermo e não há nenhuma casa a menos de quatrocentos metros do ponto. Aparentemente foi atingido primeiro pelas costas, mas seu agressor continuou a espancá-lo por muito tempo depois que estava morto. Foi um ataque extremamente furioso. Não há pegadas nem qualquer pista dos criminosos.”

“Roubado?”

“Não, não houve tentativa de roubo.”

“Isso é muito penoso... muito penoso e terrível”, disse Mr. Scott Eccles, num lamento; “mas me põe de fato numa situação excepcionalmente difícil. Nada tive a ver com o fato de meu anfitrião ter empreendido uma excursão noturna e encontrado fim tão deplorável. Como vim a ser envolvido em todo esse caso?”

“De maneira muito simples, senhor”, respondeu o inspetor Baynes. “O único documento encontrado no bolso do falecido foi uma carta sua dizendo que estaria com ele na noite de sua

morte. Foi pelo envelope dessa carta que ficamos sabendo do nome e do endereço do morto. Passava das nove, esta manhã, quando chegamos à casa dele e não encontramos lá nem o senhor nem ninguém mais. Telegrafei para Mr. Gregson para que o detivesse em Londres enquanto eu examinava Vila Glincinia. Em seguida vim para Londres, encontrei-me com ele e cá estamos.”

“Penso que agora”, disse Gregson, levantando-se, “deveríamos oficializar este caso. O senhor virá conosco até a delegacia, Mr. Scott Eccles, e tomaremos seu depoimento por escrito.”

“Sem dúvida, vou imediatamente. Mas continuo interessado nos seus serviços, Mr. Holmes. Desejo que não poupe despesas nem esforços para descobrir a verdade.”

Meu amigo virou-se para o inspetor rural.

“Suponho que não tenha nada a objetar à minha colaboração, Mr. Baynes.”

“Sinto-me extremamente honrado, senhor.”

“Parece ter sido muito diligente e metódico em tudo que fez. Posso lhe perguntar se houve alguma pista com relação à hora exata em que o homem morreu?”

“Estava lá desde a uma hora da manhã. Choveu por volta dessa hora, e sua morte ocorreu certamente antes da chuva.”

“Mas isso é absolutamente impossível, Mr. Baynes”, exclamou nosso cliente. “A voz dele é inconfundível. Posso jurar que foi ele que falou comigo no meu quarto exatamente a essa hora.”

“Notável, mas de maneira alguma impossível”, disse Holmes sorrindo.